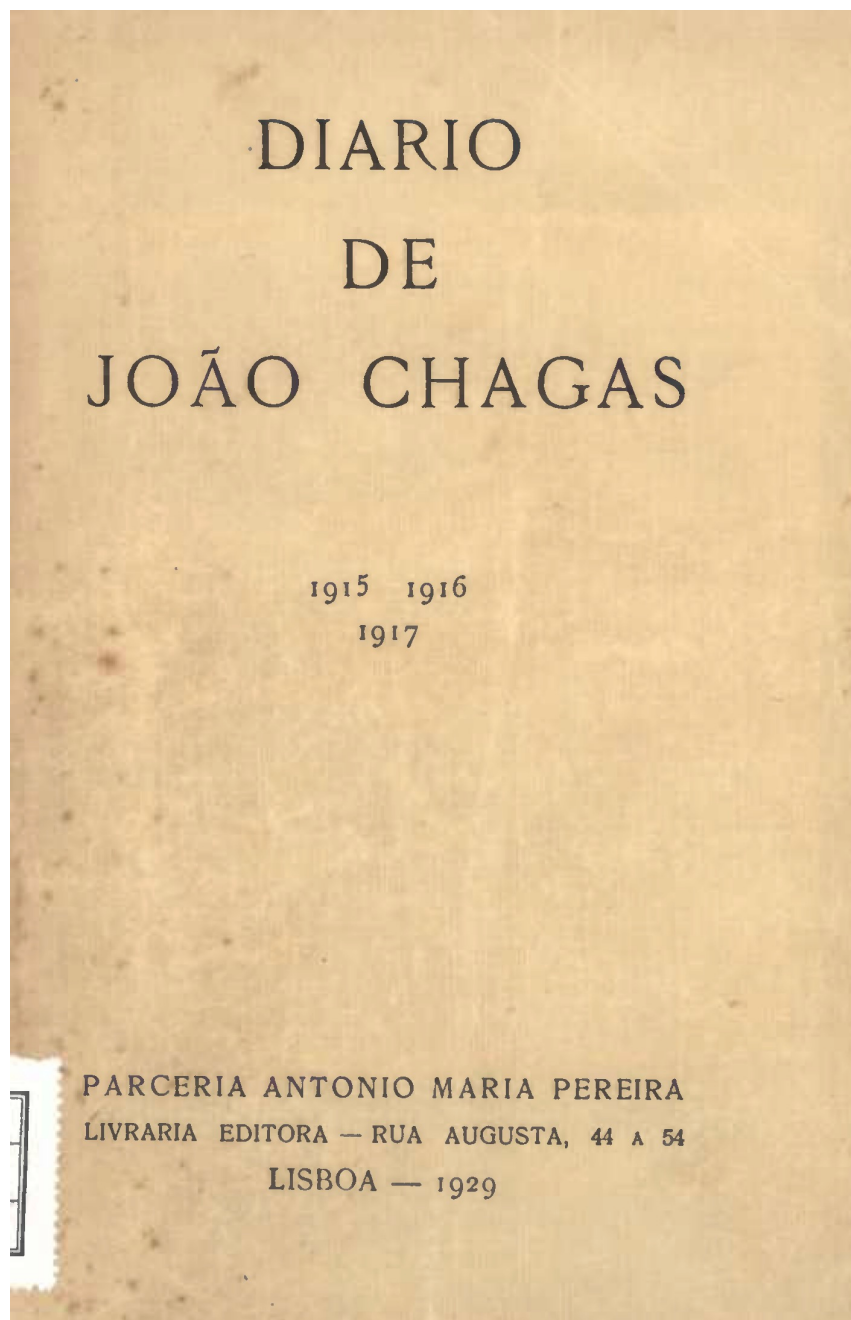


# Quando é que a Alemanha declarou guerra a Portugal?

*Um engano, um lapso ou está correto e, afinal, os alemães declararam guerra a Portugal no dia 8 de março de 1916? João Chagas, ministro plenipotenciário em Paris, registou no seu diário uma conversa com Sidónio Pais, quando este passou por França no regresso forçado a Lisboa, durante a qual o representante de Portugal em Berlim lhe conta como recebeu a "nota" do governo do imperador Guilherme II.*



Bateu-lhe à porta pelas nove horas da manhã, quando ainda estava deitado. Por isso, mandou dizer ao funcionário da chancelaria alemã que viesse mais tarde. Este insistiu, não podia adiar, e o ministro plenipotenciário de Portugal em Berlim vestiu-se à pressa para o receber. Era urgente, de facto, para o governo germânico. Era a nota de declaração de guerra. Foi no dia 8 de março de 1916, quarta-feira de cinzas. No dia seguinte, a entrada na guerra seria oficializada em Lisboa.

Sidónio Pais, de passagem por Paris, contou o episódio a João Chagas e este, no dia 14 de março de 1916, registou no seu diário: "Quando um funcionário da chancelaria imperial lhe entrou em casa, às nove da manhã do dia 8, para lhe entregar a nota de declaração de guerra, estava na cama. Mandou dizer que ainda estava recolhido. O funcionário insistiu. Então levantou-se, vestiu-se em dez minutos, veio recebê-lo, tomou conhecimento da nota".

"Perguntei-lhe quando foi que falou pela última vez com o imperador. Respondeu-me candidamente: — Foi a primeira! De resto, conversando-se um momento com ele, compreende-se que semelhante ministro não podia ter a menor ação ou influência", acrescentou o ministro plenipotenciário de Portugal em Paris, republicano de uma facção distinta de Sidónio Pais, a quem interessou mais saber que António Costa Cabral, à data chefe do protocolo em Lisboa, fora em 1912 secretário em Berlim, onde "frequentava a embaixada de Espanha e dizia a quem o queria ouvir que a República não durava um ano".

É estranha a entrada de dia 14 de março no "Diário" que o ex-chefe do governo escreveu entre 1914 e 1917, e que não se destinava a ser publicado mas foi, em 1929, quatro anos após a morte do autor, e 11 depois do assassinio de Sidónio. Algum dos dois intervenientes ter-se-á enganado? Chagas, diplomata, jornalista e escritor, terá ouvido mal, enganando-se ao escrever? Ou Sidónio, militar, ex-ministro do Fomento e das Finanças, mais ligado à matemática do que às letras, confundiu-se?

O próprio Sidónio Pais enviou um telegrama, no dia oficial da declaração de guerra, ao seu colega em Haia (ou "na Haia", como se usava dizer), para ser reenviado ao ministro dos Negócios Estrangeiros. Quem o afirma é Travassos Valdez, num texto telegrafado no dia seguinte para Augusto Soares: "Comunico a V. Exa. o seguinte telegrama do ministro de Portugal em Berlim no 27 de 9 de março: 'O Governo alemão acaba de entregar-me cópia de uma comunicação que deverá ser hoje entregue em Lisboa, na qual se declara desde hoje estado de guerra com Portugal'".

É nesse dia 9 que as agências e os jornais alemães noticiam a declaração de guerra. "O embaixador imperial em Lisboa, dr. Rosen, foi instruído para exigir ao Governo Português os seus passaportes com a apresentação simultânea de uma declaração detalhada, de hoje, do governo alemão. Ao embaixador português dr. Sidónio Pais também

foram entregues os passaportes”, publica o “Frankfurter Zeitung”, que diz que o povo alemão não vibrou muito por ter mais um inimigo, o décimo primeiro desde 28 de julho de 1914. E apesar de não se tratar de uma potência, esta quebra de relações iria trazer complicações à Alemanha.

#### DOIS DIAS PARA UM TELEGRAMA

Por esta altura, o processo de expedição de telegramas era, por vezes, bastante demorado. Da Alemanha seguia para a Holanda, país que se manteve neutro até ao fim da I Guerra Mundial, e dali Valdez fazia chegá-lo a Portugal, no dia seguinte. Se recebesse notícias de Berlim já mais para a noite, o telegrama só seria lido no destino dois dias depois. No caso do dia 8, a informação vinda da capital alemã poderia ter chegado a tempo de aviso se Sidónio o tivesse expedido mesmo nesse dia e o ministro em Haia o reenviasse na manhã de 9 de março.

Também acontecia o envio direto, mas era raro - os cabos de transmissão alemães tinham sido cortados pela Inglaterra. Sucedeu, por exemplo, quando o governo requisitou (leia-se “apreendeu”) os barcos alemães ancorados no Tejo, a 23 de fevereiro de 1916 — motivo principal para a atitude da Alemanha face a Portugal. Quando se deu a impossibilidade da comunicação direta, os telegramas de Berlim para Lisboa e vice-versa começaram por passar pela legação em Berna, capital de outro país neutro, a Suíça. Mas este processo revelou-se mais complicado, chegando a demorar mais de uma semana a chegar ao destino, talvez porque o ministro António Bandeira estava de saída.

Um facto é que os telegramas de Berlim e Haia chegaram a Lisboa no dia 10, conforme se pode verificar na documentação reproduzida em “Portugal na Primeira Guerra”. Nesse dia, a entrada na conflagração já era do conhecimento geral, já vinha nos jornais. A data oficial da declaração de guerra da Alemanha a Portugal é 9 de março de 1916. Foi na tarde dessa quinta-feira que o ministro plenipotenciário Frieddrich Von Rosen entregou ao governo português o documento escrito à máquina, na sua delegação na rua do Século, em Lisboa, no Palácio de Pombal, que, como o nome indica, pertenceu ao marquês. Sebastião José de Carvalho e Melo nasceu no edifício comprado pelo seu avô, tendo a família ali vivido até ao terramoto de 1755. Propriedade da Câmara de Lisboa desde 1968, foi classificado como “imóvel de interesse público” em 2005.

João Chagas registou a conversa com o ministro de Portugal em Berlim no dia em que este chegara a Paris. Sidónio Pais fora obrigado a abandonar a Alemanha, de onde saía dia 10 rumo à Suíça. Face à declaração de guerra, o seu visto de saída foi assinado no dia 9 pelo subsecretário dos Negócios Estrangeiros Alfred Zimmermann, o homem que daí a um ano se demitirá após ter proposto ao México uma aliança militar. Ficou famoso o telegrama que foi interceptado e decodificado

pelos ingleses e ajudou os Estados Unidos a entrarem na guerra, ao lado dos aliados, e o governo mexicano ser reconhecido oficialmente pelos EUA. É que o célebre “Telegrama Zimmermann”, como ficou conhecido, datado de 11 de janeiro de 1917, já referia a decisão dos alemães de lançarem os seus submarinos, dia 1 de fevereiro, numa guerra cega, sem poupar quaisquer navios, mesmo os americanos ainda fora do conflito.

Sidónio Pais aparecerá sozinho. De Berlim, saiu com o adido Anúplio de Lemos, o restante pessoal da legação já debandara. A sua namorada Céline Charty, com quem viveu maritalmente uns meses na capital alemã e depois em Lisboa, apesar de ser casado e de trocar frequentemente correspondência com a mulher e os filhos, deixara a cidade há algum tempo, rumo a Genebra.

“Disponha-me a meter-me definitivamente na cama, quando me anunciaram o Sidónio Pais”, conta João Chagas nesse dia 14 de março. Diz que foi buscá-lo ao salão e encontrou “o mesmo homem que em 1912 passou por Paris em direção ao seu posto de Berlim. Três anos de diplomacia não o engordaram sequer. Vem magro como um cão. Onde passou ele estes três anos? Não sei. Dir-se-ia que vem de Coimbra, e é tão insignificante que é inconciliável com a ideia que o vulgo costuma fazer de um diplomata. Não sei porquê, ao ver-me, os seus olhos marejam-se de lágrimas.”

“Não costumo ser indiferente à simpatia dos homens, mas estas lágrimas não as entendi. Passou o dia e a noite nesta casa, onde jantou. Falou muito, não disse nada. Queixou-se de que esteve sempre sem notícias de Portugal, mas parece ter passado todo o tempo que dura a guerra numa até certo ponto completa tranquilidade de espírito, quando eu o supunha atormentado”, acrescenta o diplomata, que ficará “vexado” com a entrevista que Sidónio ali dará ao “Le Matin”.

Sidónio estava comovido. Naquela altura, sentia-se mais vivo por estar em Paris. Ao jornal francês dirá que encontrou “um povo leal, clarividente, seguro da vitória”, que foi para si “uma alegria” e “um contraste impressionante depois dos círculos oficiais de Berlim”. Mas também se sentia indignado com a atitude alemã de dificultar a saída dos portugueses no país e de as autoridades lhe terem revistado a bagagem à saída. “São pormenores”, frisarà, “pormenores simples, mas caracterizam um povo”.

Jules Sauerwein, que anos mais tarde, já famoso, viverá em Portugal, descobriu Sidónio Pais na legação e não perdeu tempo para o entrevistar. João Chagas recomendou ao ministro que falasse pouco, mas não foi isso que aconteceu. Para o jornalista, que considera ter à sua frente um “espírito de observação” guiado por “uma lógica fria e impecável”, trata-se de “uma rara felicidade poder conversar com confiança com um diplomata amigo da França, que tem, ao falar de assuntos da Alemanha, a autoridade de uma testemunha”. Para Chagas, o escriba francês dominava Sidónio “com um olho tremendamente observador” e este

falava “sem cessar” e não muito bem. “Difícilmente se concebe um diplomata tão ignorante de uma língua tão necessária!”, registou.

Sidónio falou sobretudo sobre a situação na Alemanha, onde depois do racionamento do pão viera o da manteiga. “Na realidade, porém, posso afirmar-lhe que o quarto de libra entregue a cada alemão para a sua semana falha frequentemente. Esta ração, embora modesta, ainda era excessiva, dada a pobreza do mercado. Daí as filas intermináveis diante das lojas, filas de domésticas que passam horas paradas e acabam por perder a paciência, manifestando o seu descontentamento. A escassez de manteiga é um exemplo entre muitos. O racionamento das batatas, que foi recentemente decretado, é ainda mais grave. A situação económica, mais suportável na Baviera e no Wurtemberg, é penosa, muito penosa, na Prússia.”

“A ideia de que a Alemanha é uma nação predestinada, chamada a regenerar a Humanidade, também desapareceu em toda a parte. O kaiser, quando visita os hospitais, já só tem uma frase, sempre a mesma, para responder aos choros e às queixas: Ich habe das nicht gewolt [eu não quis isto]”, explica Sidónio, afirmando que apenas se ouvia falar “da paz e da necessidade de a obter”. Há alguns meses que o tom baixara: “Nos mesmos salões onde outrora reinava o espírito bélico vemos apenas lassidão e lamentos”.

#### “OS ALEMÃES DÃO MOSTRA DE UMA EDUCAÇÃO PRIMITIVA”

Sauerwein queria saber o que se passava na Alemanha mas pretendia também arrancar ao entrevistado algo sobre as relações diplomáticas, apesar de este lhe ter feito saber de início, seguindo provavelmente os conselhos de Chagas, que, como diplomata ainda sem ter contactado com o seu governo, não podia adiantar muita coisa. Mas acaba por ir desvendo alguns pormenores. “Pergunta-me em que condições saí de Berlim. Respondo que, mesmo desejando ser cortês, os alemães não conseguem senão cometer incorreções que dão mostra de uma educação primitiva.”

Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais, natural de Caminha, à data com 43 anos, menos nove do que João Pinheiro Chagas, nascido no Rio de Janeiro, acabará por dizer que ficara incomodado com o tom da declaração de guerra, em especial com a parte em que os alemães classificavam Portugal como país vassalo da Inglaterra, o que o levou a apresentar um protesto formal, em francês.

“Depositei, então, uma nota na Wilhelmstrasse [rua no centro de Berlim onde está instalado o governo], na qual assinalava o epíteto de ‘vassalo da Inglaterra’ aplicado ao meu país. Declarava nessa nota que ‘Portugal sempre agiu como uma nação livre e independente, ainda que fiel às suas obrigações, livremente assumidas e que revelou a todos os governos a 7 de agosto de 1914’, elucidou numa altura em que tomou balanço para críticas mais severas, comparando atitudes, chamando

mesquinho ao executivo alemão por estar a dificultar a vida aos cônsules de Bremen e Hamburgo — Gonçalo de Vasconcelos e o escritor António Patrício —, os quais só muito mais tarde irão conseguir regressar a Lisboa.

Na entrada de dia 8 de março no diário, João Chagas escreveu a data sem comentários extra. Ele que no dia 9 registou: "Aleluia! A Agência Wolff anuncia o rompimento das relações diplomáticas da Alemanha com Portugal". Militante do Partido Republicano, apoia o Governo de Afonso Costa e apesar de ter sido um feroz opositor da Inglaterra por altura do ultimato a Portugal, em 1890, estava cem por cento a favor da entrada na guerra ao lado dos aliados. Mas nem todos partilhavam desta ideia, embora se tenha levantado uma onda de aceitação e orgulho nacional.

Alguns dos dissidentes republicanos, como Brito Camacho, líder do Partido Unionista, nada perdoavam a Afonso Costa e ao seu Partido Republicano. Escrevia editoriais no jornal "A Lucta" bastante críticos do governo e à quebra do tratado luso- germânico assinado ainda no tempo da monarquia. "Este Camacho tem a admiração de todos os medíocres do tipo deste Sidónio, nulos, mas diplomados, e com eles quis fazer o seu partido, a que chama uma elite. É com efeito uma elite de medíocres."

Sidónio seguia Camacho, o qual considerava "um homem eminente". Quando chegar a Lisboa o primeiro sítio onde irá, depois de uma breve passagem pelo Hotel Palace, é à redação de "A Lucta" (com c, como se grafava na altura). Não estava a favor da entrada na guerra, tinha até julgado imprudente a apreensão dos 35 navios alemães nos portos de Lisboa, contudo fizera o que tinha a fazer. Defendera o país. Regressava para ficar, passo que contribuirá para agravar a destabilização que caracterizou a primeira República.

Ainda de Paris, enviou um telegrama para Lisboa anunciando a sua chegada sexta-feira, dia 16, pela uma da manhã, mas enganara-se. Os jornais acusam o erro. Na tarde seguinte, o jornalista de "A Capital" volta à estação do Rossio, onde se encontra um grande número de cidadãos, de sargentos do exército e da armada e algumas personalidades. "O rápido veio com seis minutos de atraso, não tendo nele vindo o sr. dr. Sidónio Pais, devendo chegar no expresso da noite." Desconheciam que Sidónio, ao chegar a Irun, na fronteira entre França e Espanha, enviara novo telegrama: "equivocara-se", afinal, só chegaria à capital portuguesa no sábado, à mesma hora.

"Próximo da uma hora da madrugada, muitas pessoas se dirigiram, sob formidáveis bategas de água, para a estação do Rossio", conta o "Diário de Notícias", enumerando uma série de entidades ali presentes, entre as quais o ministro dos Estrangeiros, Augusto Soares, o chefe de protocolo, António da Costa Cabral, o ministro da Instrução, Luis Câmara Leme, em nome do Presidente da República, Bernardino Machado. E muitos outros que o hão de apoiar quando se envolver no golpe militar que o levará ao poder como ditador, em 1918.

“O sr. Sidónio Pais desceu então da carruagem, sorridente, recebendo muitos abraços e apertos de mão”, lê-se ainda no matutino. O futuro Presidente, “comovido, agradeceu a manifestação, erguendo um viva à República”, ali à porta da Estação do Rossio, onde será assassinado a tiro, no dia 14 de dezembro de 1918, ao fim de nove meses de governo.